



**A morte no ciberespaço:
um estudo etnográfico da comunidade
do Orkut “Profiles de Gente Morta”**

Michele Negrini

A morte no ciberespaço: um estudo etnográfico da comunidade do Orkut “Profiles de Gente Morta”

Death in cyberspace: a ethnography study on the Orkut community “Profiles de Gente Morta”

Michele Negrini *

Resumo: *Nas sociedades ocidentais atuais, a finitude humana é um tema interdito; retirado das discussões cotidianas. O ciberespaço é um “local alternativo” para que debates acerca do fim da vida possam ocorrer. Este artigo tem como objetivo refletir sobre o tratamento da morte na comunidade do Orkut “Profiles de Gente Morta”. Focamo-nos na realização de um estudo etnográfico na comunidade virtual. Observamos 23 tópicos postados nos dias 17, 18, 19 e 20 de julho de 2007, referentes a perfis de pessoas mortas em situações trágicas e inesperadas.*

Palavras-chave: *Morte; etnografia; ciberespaço; rede social Orkut.*

Abstract: *In the present western societies the human finitude is a restricted subject and removed from daily discussions. Cyberspace is an “alternative place” to embrace debates about the end of life. This article aims to reflect about the treatment of the death in Orkut’s community “Profiles de Gente Morta” (Profiles of the dead). It focused on an ethnographic study about the virtual community and observed 23 topics posted on July 17th, 18th, 19th and 20th, in 2007, from the dead people’s profiles during tragic and unexpected situations.*

Key-words: *Death; ethnography; cyberspace; orkut social network.*

*Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria. Bacharel em Sistemas de Informação pelo Centro Universitário Franciscano de Santa Maria. Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora da Universidade Federal do Pampa. E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br

Introdução

Os humanos são a única espécie que tem a certeza da morte presente durante a sua existência, que pratica ritos fúnebres e que discute a temática. Assim, a observação da morte e o debate sobre o tema ocorrem em diversas instâncias do cotidiano das pessoas. Os meios de comunicação social fazem ampla cobertura sobre o assunto, a literatura contempla uma diversidade de obras relacionadas à discussão da finitude humana e um meio que tem se mostrado interessante suporte para discussão da temática é o ciberespaço. Na rede de relacionamentos Orkut podemos encontrar inúmeros espaços voltados à discussão da morte, como a comunidade “Perfiles de Gente Morta”.

Na cultura ocidental do século XXI, a morte é um tema interdito. Procura-se reduzir ao mínimo as operações diante da morte, tendo-se apenas as atitudes necessárias para fazer o sepultamento do corpo. As cerimônias devem ser simples e evitar o extravasamento de emoções. A boa morte atual é a morte maldita do passado. A boa morte é aquela que não perturba a sociedade, que se dá de forma discreta. (ARIES, 2003). Na atualidade, a finitude humana não é refletida no cotidiano e as pessoas vivem de forma a parecer que ela não existe. Loureiro (1998) diz que por estarmos submersos na vida, em atividades cotidianas, corriqueira para nós, eliminamos, quase por completo, as ideias da morte, principalmente as de nossa morte. O homem, no decorrer de seu cotidiano, na maioria das vezes, vive como se a finitude não estivesse presente nas suas relações. A morte pensada é a “do outro”.

Freire (2006) diz que apesar de o homem desejar a superação da morte, algumas mudanças na compreensão do papel do indivíduo¹

¹ Neste estudo, estamos trabalhando com a construção do indivíduo na sua relação com a morte. Portanto, não estamos contemplando nenhum conceito específico das Ciências Sociais, pois, aqui será relevante somente a construção da individualidade nesta relação do homem com sua finitude.

nas sociedades modernas contribuíram para uma maneira diferenciada de negar a morte. “Não são mais as projeções da idéia de continuidade em um plano metafísico que asseguram a amenização para o enfrentamento da morte. Negar a mortalidade, atualmente, é viver como se ela não existisse.” (FREIRE, 2006, p.28). Oliva-Augusto (1995) situa que a consciência do homem de sua finitude e o reconhecimento da temporalidade como dimensão irreversível remetem à noção do individualismo diante da morte. Na medida em que o homem tem consciência que vai morrer, quer aproveitar o tempo e se focar no seu bem estar. A perspectiva da existência de um limite para a vida aponta para a necessidade de vivência plena e com realizações.

Como o homem tem a certeza de sua morte física e sabe que é impotente diante dela, a crença da imortalidade² dá suporte para a negação da finitude. A partir dessa crença é que ele vive. Embora conhecendo a morte e tendo certeza de sua chegada, vive cego frente a ela, como se a finitude só existisse longe de suas relações. A angústia provocada pela certeza da morte existe, mas está mascarada pela perspectiva da vivência da alma. Como a morte é um tema tão complexo para o ser humano, as discussões acerca dessa temática se tornam muito ricas para estudos. Assim, observar um “local” para a discussão da morte, como a comunidade “Profiles de Gente Morta”, é uma oportunidade de evidenciar um espaço onde as pessoas podem se ver livres das interdições que a sociedade coloca para tratar a temática e expor suas curiosidades, anseios, angústias, enfim, tudo o que pensam sobre a finitude.

Com observações das discussões dos fóruns da comunidade e dos perfis de seus membros, opta-se por verificar os principais

² A imortalidade presente nas crenças dos homens se dá no campo do imaginário. O homem crê na vitória de sua alma sobre a morte e que esta terá espaço em outras dimensões. Morin (1988) trata a alma como um *duplo*. Para o autor, é através da consciência do homem e dos movimentos de seu *duplo* que a ideia da morte tem espaço. A morte será apropriada pelo homem mágica e miticamente. O domínio da morte continuará a ser a zona de sombra onde triunfam a magia e o mito, da forma mais categórica e permanente. O conteúdo antropológico da morte dá espaço para a demonstração da amplitude do imaginário do homem.

sentidos³ produzidos nos debates da comunidade acerca da morte trágica e inesperada. Tendo o foco da pesquisa definido, procedeu-se uma investigação etnográfica. Deixamos claro que a nossa participação se deu em nível de observação e que os participantes jamais souberam que estavam tendo suas conversas analisadas.

Etnografia

A etnografia é um ramo da ciência da cultura que tem como foco a descrição das sociedades humanas. O etnógrafo é o especialista que observa e descreve o conhecimento exaustivo da cultura material e imaterial de um grupo; é um investigador dedicado à coleta de material referente a todos os aspectos culturais que podem ser observados e definidos em determinado grupo. (MARCONI; PRESOTTO, 2006).

Geertz (1989) explica que fazer etnografia implica realizar procedimentos como estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos e manter um diário. O autor acrescenta que a etnografia é uma descrição densa.

O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve ser naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coleta de dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. [...] Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 1989, p.20).

³ Para Orlandi (2001, p.47), a produção de sentidos tem íntimas relações com os interlocutores do discurso. Os sentidos estão vinculados com as posições ideológicas em jogo no processo de produção das palavras e variam conforme as estratégias de funcionamento dos discursos, a posição do sujeito que fala e do que lê, o meio de realização do texto e as relações de poder ali inseridas. “O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito.”

Para Hine (2004), a etnografia oportuniza o conhecimento de como as pessoas interpretam o mundo que as cerca e como organizam as suas vidas no mundo. A etnografia se dedica à produção de uma compreensão autêntica da cultura, baseada em conceitos específicos do estudo e que não são impostos pelo investigador.

A experiência etnográfica pode ser considerada a construção de um mundo de significados, os quais se formam a partir de sentimentos, percepções e inferências. Para a produção de sentidos, faz-se usos de pistas, como traços e gestos. O etnógrafo sempre leva em consideração textos, os quais vão ser interpretados e produzir sentidos. Tais textos se tornam evidências das características de determinada realidade cultural. (CLIFFORD, 1998). Rifiotis (2002) aponta o relato antropológico do trabalho de campo como uma fonte privilegiada de obtenção de informações e também como um subproduto importante para a reprodução do saber antropológico.

Malinowski (1984) destaca a importância do relato honesto para a etnografia. O autor acrescenta que, no seu ponto de vista, um relato etnográfico só terá valor científico irrefutável se permitir distinguir, de um lado, os resultados das observações diretas e das interpretações nativas e, do outro, as interferências do autor, baseadas em seu bom senso.

Clifford (1998) salienta que os discursos etnográficos não são, em nenhum momento, falas de personagens inventados; os informantes são indivíduos específicos, reais e com nomes próprios. Quando falamos em etnografia no ciberespaço e nos referimos às fontes, temos que levar em consideração a perspectiva de Malinowski (1984) de que as fontes de informação na etnografia, mesmo podendo ser de fácil acesso, podem ser extremamente enganosas e complexas, pois estão ligadas a comportamentos e memórias de seres humanos.

Rifiotis (2002) lembra que quando falamos no estudo de interações sociais no ciberespaço, estamos diante de uma série de dilemas que levam à exigência de uma revisão das modalidades clássicas de pesquisa etnográfica.

No estudo das interações mediadas por computador, a Antropologia tem se defrontado nos últimos anos com uma série de desafios teóricos e metodológicos. Trata-se de um conjunto de interrogações que reafirmam a necessidade de aprofundarmos os debates em torno dos problemas cruciais da disciplina e de avançarmos a compreensão da natureza do conhecimento antropológico. (RIFIOTIS, 2002, p.2).

Nas observações de Rifiotis (2002), há dificuldades quando se fala em antropologia do ciberespaço, em se realizar procedimentos como a observação direta e participante, a coleta de dados, a redação de um diário de campo e a realização de entrevistas. Apesar das dificuldades evidenciadas, o autor diz que a observação participante pode ajudar em uma melhor compreensão no ato comunicacional quando se fala em uma interação mediada por computador, pois as pesquisas através do ciberespaço contam com todo o suporte oferecido pelas tecnologias de comunicação e informação, como o casamento de imagem e som ao texto. Claro que para a realização destas pesquisas deve-se levar em consideração as mediações da comunicação por meio da tecnologia, como computadores, *softwares* e códigos compartilhados, verbais e corporais. “O relato detalhado das interações e dos respectivos mediadores deve ser parte do diário de campo, que passa a ser incorporado como instrumento de reflexão metodológica.” (RIFIOTIS, 2002, p.10).

É importante no diário de campo do ciberespaço a observação dos modos de socialização dos “nativos”, “usuários”, “internautas” etc. “O que chamamos de socialização no ciberespaço é um conjunto complexo de afinidades, interesses, práticas e discursos que ocorrem como uma iniciação na qual interagem experiências *on-line* e *off-line*.” (RIFIOTIS, 2002, p.11). Também é importante observar as particularidades das interações virtuais, as quais, na maioria das vezes, realizam-se na forma textual. Assim, o trabalho de etnografia virtual vai além da participação face a face e do gestual; é preciso realizar a exploração das marcas textuais específicas das conversas escritas e que são importantes na produção de sentidos.

No ciberespaço, uma única pessoa pode ser criadora de múltiplas personalidades eletrônicas. Donath (2003) identifica a dificuldade em se conhecer a identidade dos informantes virtuais, um dos pontos polêmicos dos estudos no ciberespaço. A autora reflete que o sentido principal de uma comunidade carece que seus participantes compartilhem das ideias debatidas pelo grupo e que para que isso ocorra a identidade dos participantes é fundamental. O conhecimento da identidade dos membros de uma comunidade também é importante na hora em que determinada temática for discutida e argumentada.

Hine (2004) salienta que a internet é um espaço de interação que, de alguma maneira, possibilita o acesso a investigações etnográficas, mesmo que não proporcione a comunicação cara a cara, pois ocorrem ali laços sociais. No caso das interações com as discussões da comunidade “Profiles de Gente Morta” realizadas para este estudo, elas ficaram no nível da observação. Os debatedores presentes nos tópicos acompanhados não ficaram sabendo que estavam fazendo parte de um estudo etnográfico. Mas o pesquisador acompanhou as trocas discursivas entre os participantes da comunidade, as suas experiências em outras comunidades e as suas participações nos perfis das pessoas mortas que estavam em discussão no tópico em análise. Não foram levadas em consideração para análise as postagens dos membros da comunidade “Profiles de Gente Morta” nos perfis dos mortos em debate.

Primeiramente, a etnografia se caracterizou por ter a utilização da interação cara a cara como a mais adequada. Com o desenvolvimento das interações mediadas, é pertinente repensar a necessidade da presença física como fundamento da etnografia. A etnografia na internet não exige mobilidade de local. Visitar *sites* virtuais implica na inserção do pesquisador nas experiências dos usuários. As viagens se dão no campo simbólico. O trabalho do etnógrafo virtual consiste em desenvolver uma compreensão dos significados das práticas envolvidas ao redor dos textos.

Para Correa (2008, p.175-176), o crescimento das interações mediadas atua como um estímulo para que seja repensada a perspectiva da etnografia ligada a um lugar concreto:

[...] pois se a cultura e a comunidade não são produtos diretos de um lugar físico, tampouco a etnografia tem que ser assimilada desta maneira. Estudar a conformação e reconfiguração do espaço, através de interações mediadas, representa em si uma grande oportunidade para a pesquisa etnográfica, que muito mais que multi-situada, deve-se pensar a interação mediada como fluida, dinâmica e móvel.

Ao analisar as possibilidades que o ciberespaço traz para a pesquisa antropológica etnográfica, Hine (*apud* CORREA, 2008) salienta que o objeto de pesquisa etnográfica pode ser reformulado para ter sua centralização em fluxos e em conexões ao invés de ter bases em localidades específicas. Bastos (2009) acrescenta que a pesquisa etnográfica virtual oferece a possibilidade de abertura de caminhos amplos para a realização de estudos com grupos diversos, que têm suas relações através da rede.

Amaral, Natal e Viana (2008) destacam que a netnografia, como transposição para o virtual das formas de pesquisa face a face, apresenta algumas vantagens, tais como: ser mais rápida, menos dispendiosa e menos invasiva. “Por outro lado, ela perde em termos de gestual e de contato presencial off-line que podem revelar nuances obnubiladas pelo texto escrito, emoticons, etc” (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p.36). As autoras acrescentam que, na etnografia virtual, o acesso à informação se dá de forma mais fácil, pois a criação de dados no ciberespaço ocorre de forma textual; já nos métodos face a face de pesquisa etnográfica é necessária a transcrição de dados para estudos.

A morte no ciberespaço

Para Chiavenato (1998), a morte é o tema mais delicado e controverso da história cultural da humanidade. Morin (2005) salienta que é na morte que se dá a maior ruptura entre o espírito humano e o mundo biológico. “Na morte, encontram-se, chocam-se, ligam-se o

espírito, a consciência, a racionalidade e o mito.” (MORIN, 2005, p.45). O autor ressalta que é na morte que o homem constrói o entendimento de si. É na consciência da própria finitude que o homem se diferencia dos outros seres vivos.

O vencimento da morte biológica não está ao alcance das capacidades humanas. Como isso só é possível no campo simbólico ou no imaginário, uma estratégia para o homem desviar o pensamento da sua própria morte é a discussão acerca da morte do outro. Jabor (2004), referindo-se à morte apresentada nos meios de comunicação, explica o encantamento que ela exerce sobre o público dizendo que o espetáculo da morte alivia as tensões do homem, purificando os seus ódios por uma espécie de “Kátharsis pós-moderna”, a qual o isola da sociedade, desintegra-o e o aliena. Para Jabor, com a apreciação da violência, há a negação da ética e da compaixão com o outro.

Morin (1997), também se referindo à apresentação da violência e da morte pela imprensa, diz que contemplando a morte do outro fazemos inofensivamente a experiência do homicídio e fazemos inofensivamente a experiência da morte. O autor salienta que o homem tem necessidade de viver a experiência da morte, a qual é interdita na sociedade e o homem necessita conhecê-la melhor, pois ela faz parte de sua essência.

Como explica Morin (1997), é importante para o ser humano a contemplação da morte e a discussão acerca da temática. Com o crescimento do ciberespaço e com a sua utilização como um suporte para a realização de interações sociais, a morte tem sido amplamente discutida nesse local. No ciberespaço, encontra-se de forma fácil, mesmo que não seja a intenção inicial, espaços para discussão e contemplação da morte. *Sites* de busca, como o Google, podem levar o pesquisador, após uma consulta simples, a endereços eletrônicos relacionados à finitude humana. É comum encontrarmos sítios eletrônicos que retratem com detalhes grandes acidentes que marcaram o cotidiano de determinada população e que mostrem os corpos dos falecidos, mesmo que estejam estraçalhados. Pessoas famosas que morreram de forma trágica, muitas vezes, têm seus corpos expostos na rede mundial de computadores.

Quando falamos do Orkut, estamos diante de um espaço com inúmeras possibilidades de reflexões sobre a temática. Tratando das comunidades, se digitarmos a palavra “morte” no espaço de busca, ficamos diante de mais de 1000 possibilidades de acesso. Com a observação das postagens e das discussões da “Profiles de Gente Morta”, esta comunidade foi se mostrando interessante e peculiar para pesquisar a morte, pois a maior parte dos tópicos dos fóruns tem suas partidas com a postagem do perfil de alguém que morreu recentemente de forma trágica e a explicação da forma como se deu a morte. A partir da postagem do perfil do falecido, visitas são feitas a este perfil e comentários e análises sobre a pessoa são dispensadas, além de serem postadas informações sobre a forma que morreu e de serem dados votos de descanso a ele em uma possível vida eterna. É considerável observar que as mesmas pessoas que fazem comentários na comunidade muitas vezes vão ao perfil do morto e lá também deixam o seu recado, como se o lembrete pudesse ser visto pela “alma do falecido”. Há códigos comuns na comunidade para desejar descanso eterno aos mortos, como DEP (descanse em paz) e RIP (*rest in peace*).

Com a observação das postagens nesta comunidade, fica visível que estamos tratando de pessoas interessadas em contemplar a temática da morte. É perceptível que as mortes trágicas chamam mais a atenção das pessoas que participam da comunidade e que estas mortes geram um sentimento de comoção nos momentos de discussão. Não há deboches e nem blasfêmias contra as pessoas que morreram. Na própria descrição da comunidade já fica claro que não é permitido qualquer tipo de desrespeito contra os mortos e nem apologia à violência.

Como já mencionamos, colocamo-nos somente na posição de observação nas discussões da comunidade, em momento algum interferimos nos debates ou postamos nos tópicos. Assim, com a demonstração de questões interessantes para o estudo antropológico na comunidade “Profiles de Gente Morta” e com a observação exaustiva das discussões ali realizadas, fechou-se o corpus para estudos. Selecionamos para observação 23 tópicos de fóruns da comunidade em estudo que trataram

de perfis de pessoas mortas em situações que envolveram circunstâncias trágicas e inesperadas. Tomamos tópicos postados nos dias 17, 18, 19 e 20 de julho de 2007.

Por uma opção metodológica, decidimos trabalhar com a lógica polifônica⁴ da comunidade, o que significa que todos os locutores⁵ que se manifestaram no decorrer dos tópicos selecionados para análise foram considerados, mas a identidade deles não foi levada em consideração para este estudo. E, optamos por não nos referir a todo o momento ao caso de morte que está sendo tratado (vamos fazer uma análise de maneira geral); decidimos deixar os textos exatamente como eles foram postados na comunidade (sem correção ortográfica) e, em diversos momentos, vamos nos referir às pessoas que postaram nas comunidades como locutores.

Observamos nas falas dos locutores da comunidade os principais sentidos que constroem a perspectiva da morte trágica, com foco na morte inesperada. Esta perplexidade causa nos participantes dos debates dos fóruns da comunidade “Profiles de Gente Morta”. As discussões demonstram curiosidade e piedade por parte dos debatedores e reiteram que a morte é uma temática que mexe com o imaginário do ser humano. Independentemente da forma como a morte ocorreu, se ela foge de uma situação comum, corriqueira, desperta muita comoção nas pessoas.

Nesta perspectiva, está a morte por crime violento. É pertinente ressaltar a discussão na comunidade acerca do assassinato de um rapaz por uma torcida organizada de futebol.

Morreu “simplesmente” por estar usando uma camisa de um time de futebol rival do assassino!

Jean Jamerson

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=3526580966237634606>

⁴ Barros (1999) explica que monofonia e polifonia são efeitos de sentido, que decorrem de procedimentos discursivos, de discursos por definição e constituição dialógicos. Nos textos polifônicos são ouvidas diversas vozes. Já nos monofônicos somente uma voz é escutada.

⁵ Para Ducrot (1987, p.182), o locutor é “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável”.

comunidade pra ele:

[http://www.orkut.com/
Community.aspx?cmm=35568409&refresh=1](http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=35568409&refresh=1)

Perfil do assassino:

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=1585063129235316333>

Quanta hipocrisia....e ainda colocou o rosto de Cristo na capa do

orkut dele, uma pessoa que comete tal ato, não tem Deus no coração!!!

[orkut.com/Profile.aspx?uid=1585063129235316333](http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=1585063129235316333)

eu sei que nao pode julgar pela aparencia, mas vendo o album de um

e de outro mesmo que nao tivesse escrito quem era o assassino eu

iria acertA!!!!!!!!!!!!

O JEITO QUE AS COISAS ANDAM TENHO MEDO ATÉ DA MINHA SOMBRA

ONDE ESTÁ JESUS, NÃO VI!!!!!!!!!!!!

Eu moro em Natal RN e tenho medo das torcidas organizadas!

Satine: Tá no perfl dele, na parte que é pra se descrever...!

já perdi dois amigos por conta dessa rivalidade!

são bandidos com camisas de time!

até quando isso vai durar!?

A morte de uma pessoa por estar usando a camisa de seu time causou perplexidade nos membros da comunidade. Nas discussões, diversos sentidos foram produzidos acerca das torcidas organizadas; elas foram tratadas como sendo perigosas e baderneiras. É interessante observar que o perfil do assassino foi ressaltado ao lado do perfil do morto e que foi criticada a presença de uma imagem de Jesus Cristo

Não é fake não olha isto:

LUZIA:

viva nada mocinha..

a Su nao esta mais em nós..

tudo foi mto triste.. 10:47

(4 horas at <http://www.orkut.com/>

[Scrapbook.aspx?uid=15464459306976372994&pageSize](http://www.orkut.com/Scrapbook.aspx?uid=15464459306976372994&pageSize)

[=&na=4&nst=0&nid=15464459306976372994-1184803599-](http://www.orkut.com/Scrapbook.aspx?uid=15464459306976372994-1184803599-)

[10518234500589501327](http://www.orkut.com/Scrapbook.aspx?uid=15464459306976372994-1184803599-10518234500589501327)

Q.tragédia!

DEP

Neste caso, o perfil da moça foi lançado como sendo de uma pessoa morta; foram dadas as devidas condolências, como é normal na comunidade, mas foi levantada a hipótese de ela estar viva. É curioso aos olhos de um pesquisador que mesmo tendo a probabilidade da pessoa estar viva, as postagens continuaram e as condolências permaneceram, até se chegar à conclusão de que a moça realmente havia morrido.

Entre as postagens, é interessante observar que uma das vozes se manifestou para dizer que também faria aniversário em data próxima, deixando claro que estaria com medo que a morte pudesse acontecer para ela também. Nessa situação, pode-se retomar as discussões teóricas sobre a morte já expostas neste estudo quando refletimos sobre a morte ser interdita nas sociedades atuais e sobre o ser humano querer desviar o olhar de sua própria morte ou temer a própria morte.

Na perspectiva da construção de sentidos da morte inesperada na comunidade “Perfiles de Gente Morta”, a morte por assassinatos gera discussões bastante interessantes. Em alguns casos da comunidade, posta-se o perfil do morto e de pessoas com quem o falecido se relacionava:

Israele woss
 ISRAEL WOSS
 Data de Falecimento: SEXTA-FEIRA, 20 DE JULHO DE 2007
 Idade: 27 ANO(S)
 Profissão: MILITAR
 Endereço: R. TEREZA ZACOT NICCO, 111
 CEP 81200210
 Filiação: ANTONIO WOSS
 MARIA EUGENIA WOSS
 Número da FAF: 08509/2007
 Local de Falecimento: VIA PÚBLICA - ESTRADA DA
 ROSEIRA /// BORDA DO CAMPO //
 SAO JOSE DOS PINHAIS
 Local de Velório: CAPELA MORTUARIA PAROQUIAL DO
 ORLEANS
 Local de Sepultamento: FERRARIA (CAMPO LARGO)
<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=800589512209141016>
 2

namorada

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=331950054924682617>

do q morreu?

D.E.P.....que jovem...

MORRE DIKE?

Edtou tentando descobrir, mas pelo jeito o Eduardo da Silva
 Estava junto

morreu com um tiro no coração
 acabou d passar no PARANÁ TV
 ele e o eduardo foram encontrados numa estrada rural, policia
 suspeita q seja latrocínio(roubo+morte) pq a caminhonete q eles
 estavam sumiu
 os dois eram tententes da policia...eduardo morreu cm um tiro na
 cabeça e israel cm um tiro no coração

Os membros da discussão demonstram um interesse pela temática, chegando a fazer uma espécie de investigação para poder

passar dados completos aos outros membros da comunidade, o que demonstra a formação de uma rede de sentidos em torno da temática. Também é pertinente ressaltar que com o objetivo dos membros da comunidade de dar muitas informações sobre o falecido para a discussão, acabam expondo informações acerca da família do morto na internet.

A morte com violência sexual também é abordada na comunidade no período de análise, mas o tópico não rendeu muitos comentários e não teve muitas discussões polêmicas.

+ Suh (Suzana) +

Esta sim teve uma morte terrível...

Estava voltando de uma festa do Piajama com 4 amigas, qdo as outras 3 se despediram e deixaram-na na esquina de casa...(dizem)... Porém foi encontrada na no Domingo, violentada e morta com golpes de paralelepípedo (assim dizia o jornal ??!!) na cabeça... Aparentava ser boa moça...

Simplemente Terrível!!!!!!!!!!!!

Que papai do Céu cuide da Suh

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=7050590175199064750>

Já foi postado...

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=993780&tid=2543742448219655573>

Eu não tinha visto o anterior...

fiquei chocada...

Nossa, tadinha...

Que esteja em paz...

Como uma das vozes que se manifesta diz que o tópico já foi postado anteriormente, as discussões podem ter sido bastante esgotadas. Mas não podemos desconsiderar que a comunidade tem fluxo constante de visitas, o que deixaria claro que novas pessoas poderiam ter visto este tópico e comentado. Aqui voltamos a reiterar que as discussões sobre a morte têm ampla complexidade, pois este tópico poderia ter chamado a atenção do público do Orkut.

Considerações finais

A comunidade do Orkut “Profiles de Gente Morta” é sem dúvida um espaço bastante interessante no ciberespaço. Ali as pessoas têm oportunidade de manifestar o que pensam sobre a morte, um tema interdito nas sociedades ocidentais atuais. Nesse espaço virtual o público tem autonomia para fazer as discussões que o mundo *off-line* considera proibidas e as interdita do cotidiano. Então, a comunidade acaba sendo um espaço legitimado para que o ser humano possa expor tudo o que pensa sobre a morte sem ter medo de sofrer restrições da sociedade e da cultura. Como diz Morin, o homem necessita fazer a experiência da morte, e a comunidade “Profiles de Gente Morta” se mostra como um espaço interessante para o ser humano fazer experiências variadas e diversificadas com a finitude humana.

Como a morte é um assunto que está na essência do ser humano, que é nela que o homem se mostra ao mundo, é natural que ela desperte curiosidades e paixões. É da essência do homem querer saber mais sobre a sua gênese e querer se aprofundar nela. Como toda a vida do homem está associada a sua finitude, é natural que ela seja muito importante durante todo o percurso da existência humana. A comunidade “Profiles de Gente Morta” tem um funcionamento bastante interessante para quem quer discutir a presença da morte no cotidiano e sente a interdição do tema no mundo *off-line*. Perfis do Orkut de pessoas que morreram são ressaltados e outras pessoas têm a oportunidade de escrever o que quiserem sobre o caso. Assim, os participantes podem visitar o perfil do morto, saber como ele vivia, seus hábitos e como morreu; enfim se integrar com a morte e com informações sobre quem realmente foi seu sujeito. Após plena integração com a perspectiva da morte, as pessoas que estão passando pela comunidade podem discutir o caso e dar suas impressões sem serem tolhidas pela sociedade, pois estão cercadas por outras pessoas que também contemplam o tema.

Quanto às discussões observadas, é curioso que, muitas vezes, algumas postagens se restringem a simples desejo de descanso eterno ao falecido, o que demonstra que a pessoa entrou na comunidade para saber mais sobre a morte, para conhecer quem está morrendo e como morreu. Isso evidencia que “a morte do outro” causa uma espécie de fascínio no ser humano.

Referências

AMARAL, Adriana; NATAL. Geórgia; VIANA, Luciana. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital.

Sessões do Imaginário, Porto Alegre, v.1, n. 20, p.34-40, dez. 2008.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. 2.ed. Curitiba: UFPR, 1999. p.21-42.

BASTOS, Rodrigo. **Relacionamentos conjugais e virtualidade: um estudo sobre mulheres (de meia idade) que fazem uso da internet para a busca de parceiros**. Disponível em: <<http://www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/GT%2066%20-%20G%C3%AAnero,%20Fam%C3%ADlia%20e%20Sensibilidades/GT%2066-Ponencia%5BBastos%5D.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2009.

CHIAVENATO, José Júlio. **A morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Moderna, 1998.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**. Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

CORREA, Cynthia Watanabe. **Reterritorializações no não lugar da rede social Orkut**. 2008. Tese (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DONATH, Judit S. Identidade e engano em la comunidade virtual. In: SMITH, Marc; KOLLOCK, Peter (Org.). **Comunidades em el ciberespacio**. Barcelona: Editorial UOC, 2003. p.51-88.

FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. **O som do silêncio: isolamento e sociabilidade no trabalho do luto**. Natal: EDUFRN, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona: UOC, 2004.

JABOR, Arnaldo. **Nosso coração está cada vez mais frio**. Disponível em: <<http://www.amazonia.org.br/ef/opiniao/print.cfm?id=106005>>. Acesso em: 10 dez. 2004.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empenhimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: neurose.**

Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **O homem e a morte.** Portugal: Publicações

Europa-America, 1988.

_____. **O método 5: a humanidade da humanidade.**

Porto Alegre: Sulina, 2005.

OLIVA -AUGUSTO, M. H. O moderno e o contemporâneo: reflexões sobre os conceitos de indivíduo, tempo e morte. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v.6, n.1, p.105-119, 1995.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.**

3.ed. Campinas: Pontes, 2001.

RIFIOTIS, Theophilos. **Antropologia do ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade.** Florianópolis: Edufscar, 2002. p.1-19. (Antropologia em primeira mão, n. 51).